

ANO XXXI N 11 NOVEMBRO 2014

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Foculares

Poste Italiane S.p.A. | Spedizione in abbonamento postale D.L. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n. 46) art. 1, comma 2, e 3 | Aut. G.P.A./C/RM/33/2013 | Taxe perçue en France

*Depois das
Assembleias*

**Em direção
a uma nova
etapa da Obra**

«Juntos para...»

Prepara-se o
encontro do ano
2016

Na Nova Zelândia

O grito de paz
recebido pelos
jovens

O nosso obrigado a Paulo VI

Vivemos e alegrámo-nos com toda a Igreja, pela beatificação do Papa Paulo VI, no domingo dia 19 de outubro. Gratidão e reconhecimento pela ligação muito especial do Papa Montini com o Movimento dos Focolares, em momentos importantes da nossa história.

O seu primeiro contacto pessoal remonta a 1952 quando, substituto na Secretaria de Estado, teve ocasião de conhecer de perto o Movimento, que dava os seus primeiros passos em Roma. Intuei nele «a presença de um novo carisma», a apoiar e encorajar. E fê-lo. Chiara Lubich e o Movimento encontravam-se, naquela época, sob estudo por parte da Igreja, em Roma. Foi o mons. Montini que, em 1953, obteve a possibilidade de que o Papa Pio XII recebesse, numa audiência privada, alguns focolarinos e focolarinas com Chiara, pela primeira vez.

Nos seus quinze anos de pontificado, recebeu-a também, em audiência privada, cinco vezes. O Papa Montini interessava-se pelo desenvolvimento do Movimento, pela sua difusão e, em particular, pelas modificações necessárias do seu Estatuto. Era preciso adaptá-lo à amplitude de ação, à variedade dos membros que abrangia e sobretudo à natureza do Movimento, que não encontrava correspondência no direito canónico existente. Paulo VI quis tratar disso pessoalmente e, com sabedoria e audácia, contri-



2 março de 1975. O encontro de Paulo VI com Chiara Lubich em São Pedro, por ocasião do Genfest

© archivio CSC

buiu para que se orientasse segundo a sua fisionomia específica.

Gratidão e reconhecimento também pelo interesse com o qual seguiu, nos seus primórdios, o diálogo ecuménico do Movimento, encorajando a iniciar também o diálogo com pessoas de convicções não religiosas, sugerindo a Chiara que começasse uma atividade de turismo (que daria origem ao nascimento do centro «Encontros Romanos»), não só para dar um conforto espiritual às pessoas que viviam nos Países de Leste, mas também para acolher os grupos de turistas que vinham de lá, ao Ocidente.

E relativamente às cartas recebidas do Papa Montini, Chiara, depois da morte dele, confiou-nos: «É o maior tesouro que possuo. É um testemunho imenso do seu amor particular por cada pessoa».

ao cuidado da redação

Trechos de uma entrevista a Chiara Lubich feita pela *Città Nuova*, publicada no livro *Atualidades*

Várias vezes tiveste ocasião de ser recebida, em audiência, pelo Papa Paulo VI. Qual foi a impressão mais forte que te ficou como recordação?

A impressão mais forte foi, sem dúvida, a que recordo durante a primeira audiência. Tive a nítida sensação de me encontrar diante de uma pessoa que amava de uma forma muito singular.

O Papa dizia palavras de uma sabedoria que ia para além de todos os obstáculos jurídicos existentes ainda agora. Compreendia, acolhia na sua alma toda a obra complexa que eu lhe apresentava. O próprio Papa encorajou-me a dizer tudo, porque ali tudo era possível. Lembro-me que experimentei uma sintonia perfeita entre o que o Papa me dizia e aquilo que me parecia ter vindo de Deus, para a edificação desta Obra. E a impressão foi tão forte a ponto de ter tido quase a sensação de que aquele escritório, onde o Papa recebe as visitas, não tivesse teto e que o céu e a Terra se juntassem. Se me tivessem levado diante daquela pessoa, com uma venda nos olhos e nunca tivesse ouvido a sua voz, penso que, depois de algum tempo teria afirmado: «Estou com o Papa».

Qual foi, na tua opinião, – durante estes colóquios – a tensão predominante na ação do Papa?

Sem dúvida o esforço de se adaptar, momento após momento, à sua particularíssima vocação de amar mais do que os outros, que lhe é pedida por Jesus e lhe confere, para além do primado da autoridade, o primado da caridade. O «amas-me mais do que estes?» pedido por Jesus a Pedro constitui o tormento, o estudo contínuo de Paulo VI.

Disse uma vez que quem não se contenta, durante as audiências públicas, em ver o espetáculo exterior, pode chegar a perceber um segredo que está presente nelas. Este segredo é causa de alegria e de tormento para o Papa, está con-

tido naquela sílaba "mais": «amas-me mais...?».

Nos *Diálogos com Paolo VI* de Jean Guitton, o Santo Padre afirma que é preciso estar no lugar de um Papa para perceber como esta frase tão breve: «amas-me mais?» é uma faca que penetra nas articulações dos ossos, dos nervos, até ao interno da medula.

Como é que se pode saber – pergunta a si mesmo o Papa – se se ama mais? O que conforta nesta angústia – responde – é que se pode amar universalmente, repetir: ninguém me é estranho, ninguém, mesmo se separado.

Qual é, segundo o teu parecer, o comportamento característico do Santo Padre para com as pessoas?

Paulo VI ama todos sem medo e por isso já cria, entre crentes e não, uma certa unidade. Doa-se a todos de modo impressionante.

Muitos protestantes, das mais variadas denominações, ficaram muito impressionados com a atitude do Papa, por aquele amor que o consuma, aquele fazer-se - como diz o Apóstolo - tudo a todos. Talvez seja por isso que Atenágoras lhe chamava Paulo II. E estes visitantes não católicos sentem-se alvo de uma estima única. Por outro lado, Paulo VI, com este seu comportamento, revela a linha do seu pontificado. É o Papa do diálogo com todo o mundo, é o Papa que vê toda a humanidade, potencialmente, como uma só família, uma só nação.

Estou convencida que, para os que têm alguma crítica sobre a atividade do Papa, seria útil irem visitá-lo. A sua presença tão sobrenaturalmente calorosa, profundamente humana, próxima de todos, esquecida de si mesmo, humilde como o servo dos servos de Deus, faria desmoronar todas as perplexidades, todas as dúvidas.

Trechos de Chiara Lubich, *Atualidade, ler o próprio tempo*, ao cuidado de Michele Zanzucchi, e Città Nuova, Roma 2013, pags 44-46

Entrevista a Jesús Morán

É o momento da fidelidade criativa

Tirado da história pessoal e perspetivas da Obra hoje. O convite de Jesús Morán a atualizar o carisma com a mesma radicalidade de sempre

Jesús, podes contar algo da tua história pessoal? Como conheceste o Movimento e o que mais te fascinou?

«Conheci o Ideal quando tinha 16 anos. Quando acabei os estudos do liceu clássico preparava-me para entrar na faculdade de Filosofia da Universidade Autónoma de Madrid. Eram tempos de grande agitação político-social, em Espanha. O desejo de mudança era premente. A sociedade, e particularmente os jovens, reclamavam liberdade e democracia. Se eu tinha escolhido a carreira da filosofia era porque os religiosos, do liceu onde estudei, nos tinham inculcado um cristianismo empenhado na transformação social. A função do cristão intelectual «comprometido» (que se compromete) era o que me parecia adequar-se à minha personalidade. O encontro com o Ideal, especialmente com os gen, foi encontrar a figura do que eu queria ser. O Ideal, para além de mudar a sociedade, podia mudar-me a mim próprio e era isto o que, no fundo, eu mais desejava. Encontrei na liberdade de amar a resposta a todas as minhas exigências».

És espanhol, viveste muitos anos na América Latina, há algum tempo estás



no Centro. Estas diferentes experiências, que tipo de pessoa formaram?

«Vivi na América Latina a maior parte da minha vida.

Cheguei ao Chile com 23 anos e voltei do México com 50. A América Latina fez-me homem e focolarino. Lá vivi as primeiras experiências de trabalho e vi de perto a história concreta de povos milenários com os seus contrastes, as imensas riquezas culturais e os próprios dramas de identidade. Da América Latina apreendi o valor incomensurável da vida, da natureza e dos relacionamentos interpessoais. Foi uma escola de socialidade. Aquele continente deu-me o sentido do pensamento orgânico, da cultura que se torna praxe quotidiana e história, a religiosidade que toca as fibras mais íntimas do coração.

Por outro lado, a experiência no Centro, deu-me uma universalidade que não conhecia. Nestes últimos seis anos vividos no coração da Obra, pude escavar mais profundamente nos abismos e caminhar com maior diligência nos cumes da experiência de unidade. Sem dúvida, foi uma experiência de intenso amadurecimento humano e espiritual».

Conta-nos uma experiência particularmente luminosa da tua vida, e uma particularmente dolorosa...

«Na minha vida, como penso acontece a todos os





Com Chiara num encontro de delegados da Obra

que procuram Deus e a si mesmos Nele, há muita luz e muita escuridão. No início da minha vida de focolar um grande sofrimento foi constatar os sérios limites da nossa humanidade em viver o Ideal puro. Estava ainda no período de formação e poderei chamá-la como a crise da idealidade, que agora considero ter sido fundamental, no meu caminho espiritual. Para mim foi particularmente forte, dada a minha formação intelectual, com uma certa tendência a idealizar. De facto podia aceitar que fossemos diferentes em tudo mas não que tivéssemos diferentes ideias sobre a unidade. Outro momento doloroso foi o trabalho na «comissão 1» para o aprofundamento da vocação do focolarino e da focolarina, instituída pela Emmaus em 2011, e portanto a leitura de muitas cartas, das quais emergia um grito lancinante de dor, expressão de uma vida de unidade mal vivida, de verdadeiras deformações do Ideal. Esta chamá-la-ei a crise da realidade.

Especialmente luminosos foram alguns momentos com Chiara nos quais estávamos só nós os dois e percebi, nas suas palavras e no seu olhar, que ela me sentia plenamente seu filho. Ou como, no fim de um encontro que tivemos com ela para a zona do Chile, me procurou e me disse no corredor: “Vai para a frente assim”. Vivi daquela frase durante anos. Ou quando, olhando-me nos olhos, como só ela sabia fazer, me disse: “Sim, penso que podes ser sacerdote”.

Passaram pouco mais de dois meses da tua eleição a copresidente.

O que estás a viver?

«Uma experiência de Deus fortíssima e ao mesmo tempo simplicíssima. É uma corrida contínua, que espero que acabe em breve, logo que me possa organizar melhor. No entanto nunca, como neste período, me senti tão profundamente amado por tantas pessoas. Por isto estou infinitamente agradecido a Deus».

Sob o teu ponto de vista, como vês a Obra hoje? Aconteceu algo de novo com a Assembleia?

«A Obra vive um momento crucial para o seu futuro. Trata-se de verificar quanto esta primeira geração tenha percebido, realmente, o dom carismático que Deus fez à Igreja e à humanidade, com a pessoa de Chiara. Disto depende o facto de que a encarnação do carisma esteja ao mesmo nível. É um momento de forte e nova autoconsciência



26 de setembro de 2014. Na audiência do Papa Francisco, com a Assembleia

que deve trazer, como fruto, uma radicalidade de vida como a dos primeiros tempos, mesmo se diferente. É o momento de deixar atrás das costas todas as incrustações, a nível de vida e de pensamento, que possam impedir o livre jogo da vida de unidade, com todas as suas enormes potencialidades. É preciso libertar a vida de unidade, o seu dinamismo. Como eu disse no fim da Assembleia, é o momento da «fidelidade criativa». Quanto mais fieis, mais criativos, e vice-versa, quanto mais criativos mais fieis. Obviamente isto significa atualização do carisma em todas as frentes, renovação da linguagem, novo ímpeto apostólico, dilatação

da capacidade de diálogo. Quer dizer também recuperar a sensação de mistério na experiência de unidade, isto é, ser mais conscientes da marca trinitária da nossa vida, a 360 graus. Parece-me que a Assembleia, com o seu documento pragmático e com o toque final da mensagem do Papa Francisco, se tenha orientado neste sentido».

Não é raro apercebermo-nos, na Obra, de uma certa contraposição entre a vida e o pensamento, formação espiritual e formação cultural.

Como viver estas dimensões?

«Em Chiara nunca houve contraposição entre vida e pensamento. De facto Chiara achou que deveria ir buscar os livros deixados no sótão, logo a seguir a uma experiência mística como a de 1949.

Para mim isto foi sempre muito significativo. Chiara é aquela pessoa com uma "devoção segundo o pensamento de Jesus", é a fundadora da Escola Abba e da Universidade Sophia. Chiara, como todos os grandes fundadores, tinha a plena consciência de que um carisma que não se faz

cultura não tem futuro. A cultura é sempre vida, o importante é que não se torne "bizantinismo", no sentido usado pelo Papa Francisco e, por conseguinte, sem qualquer referência à tradição oriental que, pelo contrário, é muito rica de sínteses entre pensamento e vida».

Tens um teu «programa» para os próximos seis anos?

«Um programa meu, nenhum. Tenho o programa que nos ditará Jesus no meio, com toda a Obra. Um cristão não pode ter outro programa senão o do Espírito Santo nele e em todos aqueles com quem faz a "santa viagem" da vida».

O que pedes a Deus para ti e para a Obra, neste período?

«Para mim peço sobretudo docilidade ao Espírito e a capacidade de ser, como diz Chiara num seu diário, um homem "eucarístico", isto é, uma pessoa que se faz alimento espiritual para os outros. Uma graça que peço todos os dias é o discernimento. Para a Obra peço a mesma docilidade ao Espírito, sem medo».

ao cuidado de Aurora Nicosia



O logotipo do Movimento dos Focolares

Como foi anunciado na Conferência telefónica do dia 25 de outubro, o Movimento

dos Focolares agora tem um logotipo oficial.

No ano 2000 Chiara tinha indicado a «Nossa Senhora do povo», que reúne todas as vocações, como a imagem que podia, de certa maneira, representar o Movimento.

O novo logotipo quer exprimir esta ideia: o sinal azul evoca Maria que abre os braços à humanidade, para a suster, enxugar-lhe as lágrimas e orientá-la para o céu. O sinal mais pequeno,

com a mesma forma, indica o Movimento que a quer «repetir» mas tem a cor de uma chama, a significar a presença de Jesus entre os seus componentes.

Dois especialistas da comunicação, Andrea Fleming e Ludger Elfgen, coordenaram o trabalho de gráficos dos vários continentes: a última versão foi idealizada pelo Andrea Re.

O logotipo está disponível em 44 línguas, com um manual de uso para as várias aplicações.

A imagem usada para as bandeiras das Cidades – a estrela amarela com quatro pontas no fundo azul – vai continuar a usar-se para as Cidades, como Chiara pensou desde o início.



Assembleia dos sacerdotes e diáconos focolarinos

«Deus não tem medo das novidades» ... e, com Ele, nós também não!

Dias especiais que marcaram uma nova etapa histórica na vida do ramo e da Obra, impregnados de comunhão, diálogos, confronto sobre muitos temas. A novidade do Carisma como dádiva para a Igreja

Deus «não tem medo das novidades! Por isso, surpreende-nos continuamente, abrindo-nos e conduzindo-nos por caminhos impensáveis. [...] Um cristão que vive o Evangelho é "a novidade de Deus", na Igreja e no Mundo. E Deus ama muito esta "novidade"!».

São palavras do Papa Francisco, durante a beatificação de Paulo VI, no dia 19 de outubro. Expressam perfeitamente o que vivemos na nossa Assembleia, de 13 a 17 de outubro, em Castel Gandolfo.

A Assembleia da Obra, que terminara duas semanas antes, levava a intuir que também entre nós – 90 de 30 nações, representando cerca de 800 sacerdotes e diáconos focolarinos – iria soprar fortemente o Espírito.

Parece-nos que a maior «novidade» foi a qualidade dos relacionamentos. Por uma graça especial, do primeiro ao último momento, experimentámos uma grande unidade em que as dife-



A Emmaus cumprimenta os três sacerdotes que poderiam ser eleitos: da esq. o pe. Eudo de Jesús Rivera Munoz, o pe. Antonio Bacelar e o pe. Imre Kiss

renças de cultura, experiência, idade, convenções e sensibilidades, se tornavam uma oferta recíproca, expressão variegada, trinitária, de Jesus entre nós. Neste clima, a gratidão pelo caminho percorrido até aqui e a abertura a novas perspectivas eram uma coisa só. Viver juntos, como «popos» numa atmosfera de «casa», alegre e leve, e trabalhar seriamente para descobrir o que Deus quer de nós, na Igreja e para o mundo de hoje, eram duas faces de uma mesma realidade.

«Novidade» e «surpresa» foi também para muitos a terna de candidatos que a Emmaus e Jesús nos apresentaram para a eleição do responsável central. De facto eram poucos os que tinham consciência que d. Hubertus Blaumeiser, no cargo há sete anos, segundo os Estatutos



da Obra, não podia ser apresentado para uma terceira eleição. Fez-se uma primeira escolha de três sacerdotes focolarinos de proveniência geográfica e idade diferentes, que – diversamente do que acontece muitas vezes nos cenários políticos – juntaram-se e disseram à Emmaus: «Somos três,



pe. Antonio Bacelar



Um momento dos trabalhos da Assembleia

mas somos um». E ela: «Somos quatro, mas somos um!».

Foi novo o método com que – depois de um dia de retiro e de notícias sobre a Assembleia geral, e depois do relatório sobre a vida do ramo, nos seis anos decorridos – nos reunimos em grupos para trabalhar sobre 10 temáticas. Os assuntos a tratar resultaram de uma consulta prévia aos 140 focolares sacerdotais. Com as considerações e propostas enviadas, a Comissão preparatória elaborou um *Instrumentum laboris* (documento de trabalho). Num clima muito vivo e construtivo, cada grupo abordou três temáticas, enucleando para cada uma, três propostas concretas que, unidas às dos outros grupos, foram apresentadas de-

pois, na plenária. Resultou daí um quadro estimulante, segundo as grandes orientações da Obra:

«**Sair**»: exercício do ministério pastoral à luz do Ideal – irradiação da espiritualidade de comunhão na Igreja – encarnação eclesial do carisma.

«**Juntos**»: relacionamento com as novas ge-

rações – vida de família com os sacerdotes idosos e doentes – ser Obra – os nossos instrumentos e estruturas.

«**Devidamente preparados**»: «*missão*» (fim específico) dos focolares sacerdotais – renovação da vida dos focolares – formação.

Teve um sabor de «novidade» a entrevista aos três candidatos, no dia das eleições: perguntas de todos os géneros com respostas que muitas vezes pareciam complementares, a tal ponto que a escolha do novo responsável, no final, foi quase ainda mais difícil: teríamos escolhido os três, de boa vontade! Felizmente vão fazer parte, juntos, do futuro Centro do ramo.

Como novo responsável, elegeram o pe. António Bacelar, de Portugal (*ver nota biográfica na Mariápolis online*). Foi um momento cheio de emoções, vivido na alegria transbordante de uma família onde se abre um capítulo promissor. A Emmaus, informada da eleição, comentou: «Terá sido uma prenda de Nossa Senhora de Fátima?!».

Novas ainda as palavras do pe. António: «Com a graça de Deus,



pronto a dar a vida por cada um de vocês, aceito!». «Encontro-me também no voto de quem optou pelos outros candidatos». «Naturalmente surgem-me muitas perguntas: “Como será?” Juntos vamos conseguir!». Um alicerce e ponto de partida - disse - foi a experiência feita com d. Silvano e de-

«Reinventar” o focolar sacerdotal, atualizá-lo no hoje da Obra», foi o convite de Jesús. «Você são “popos” e a primeira coisa que um sacerdote focolarino faz é levar a luz, a novidade do carisma». Faz também parte da *missão* dos focolares sacerdotais a encarnação eclesial, a renovação das

estruturas eclesiais e a renovação teológica. «O Papa deveria encontrar em vocês aquele tipo de sacerdote com o qual está a pensar a Igreja, de um modo novo».

E Chiara? Sentimo-la presente em cada momento. Todas as manhãs, na meditação, levou-nos para uma nova realidade: trechos de 1950 sobre Jesus no meio e a vida de focolar; pensamentos sobre o específico dos sacerdotes fo-

colarinos; o tema sobre a Unidade, de 1981, entusiasma-nos a fazer nascer por todo o lado «células vivas, com Cristo no meio de nós, cada vez mais vivas, cada vez mais numerosas»; a experiência de Chiara com Jesus Eucaristia, trazida até nós pelo tema da Emmaus. Voltar a estas origens e procurar corresponder a elas foi o segredo de tudo.

pe. António Bacelar e pe. Hubertus Blaumeiser

pois com d. Hubertus. Indicando Maria Desolada como modelo, centra a atenção sobre o «sacerdócio mariano» que somos chamados a testemunhar. Jesús recorda uma passagem de Teresa d’Avila citada pelo pe. António, no dia anterior: «“Se estamos no amor, faremos muito, em breve tempo, sem cansaço”. O trabalho existe porque o tempo urge – sublinha –, mas se deixarmos que seja Deus no meio de nós a fazê-lo, será sem fadiga».

«Surpresa» foram as intervenções conclusivas da Emmaus e de Jesús. Depois de quatro dias em que procurámos ser, sobretudo, «Obra», projetada para a Igreja e para o mundo, eles focalizaram o nosso específico.

A Emmaus reconhece-nos «focolarinos» e portanto «portadores do carisma», que mantêm a chama acesa, que todos podem alcançar para serem também portadores da chama. Deteve-se sobre o «estilo de vida do focolarino, a vida das cores», e acrescentou: «Vimos muitos desafios, perguntas, exigências. Fixemo-nos na vida mais que nas palavras, nas estruturas, na organização: que a vida esteja sempre em primeiro lugar, nos nossos pensamentos! Vocês podem fazer com que passe a presença de Maria na Igreja, de modo especial».

Na **Mariapoli online**

podem-se seguir as **várias fases das Assembleias documentadas com fotografias e vídeos** www.focolare.org/notiziariomariapoli



O abraço do pe. Hubertus Blaumeiser ao pe. António Bacelar

A saudação de Giancarlo Faletti



Assembleia das e dos voluntários de Deus

Uma nova página

De 22 a 26 de setembro estiveram cerca de 400 voluntárias e voluntários em Castel Gandolfo, para a sua assembleia. Uma partilha de vida e de propostas numa concretização típica da vocação. Entrevista a Patience Molle Lobe e a Paolo Mottironi, responsáveis eleitos dos dois ramos

Patience, o que é que sentiste quando te foi proposto fazer parte da terna das candidatas responsáveis do ramo? E quando foste eleita?

«Senti como que uma chamada de Deus. Eu não medi, aceitei e disse sim, quase sem perceber. Lembro-me que, a certa altura, houve alguém que me perguntou: "Não sentes nada?". Sim, não há dúvida que não tinha mesmo consciência, não pensava em nada, estava vazia. Depois vivi um momento especial. Antes de ser eleita, quando com as outras candidatas nos apresentámos, também eu contei a minha experiência. Naquele momento experimentei uma tristeza muito profunda. Nunca tinha experimentado isso. Sentei-me, estava um pouco perdida. A um certo ponto senti uma voz dentro de mim: "Queres regozijar, porque pensas que falaste de ti? Não. Falaste de Mim. Fui Eu que agi, não tu". Compreendi imediatamente que Deus me preparava para qualquer coisa. Quando depois fui eleita, penso que também ali Deus me preparou, com a meditação de Chiara nessa manhã em que ela dizia: «Sou fundadora da Obra, mas não sou Chiara, sou Jesus no meio". Senti dentro de mim que sou respon-



sável das voluntárias, mas não sou Patience, sou Jesus no meio».

Paolo, como vives a reconfirmação de responsável dos voluntários? O que é que podemos esperar deste mandato? Pensas que haverá uma novidade ou uma continuidade?

«Certamente inicio pelo fim, portanto uma continuidade, mas direi na novidade. Cada dia é preciso avançar mais. Cada vez mais para a frente, por exemplo, nos relacionamentos que iniciaram com a Emmaus e com toda a Obra, já desde 2008. Fizemos um percurso, é verdade, mas não é suficiente, nunca nos podemos contentar com os resultados, é preciso empurrar



sempre para a frente. É muito importante nas nossas comunidades locais, nos nossos núcleos, no ramo, mas também na própria Obra, na sociedade, na Igreja: cuidar bem dos relacionamentos. Depois de ser reconfirmado, pensei logo que não houve seis anos de experiência. É o primeiro dia. E não é só porque ao meu lado está uma pessoa formidável, como era a Maria, e que agora se chama Patience, mas também porque o ramo se tornou ainda mais bonito, ainda mais inserido na realidade da Obra Una. Ter participado na Assembleia Geral da Obra para mim foi quase um prelúdio, poderia dizer a premissa para esta Assembleia, onde vivemos todos por todos, isto é aquilo que é das outras vocações é também meu, as problemáticas naquela dada zoneta, naquela Zona, naquela circunstância, são também minhas».

Patience, trazes um património de vida do continente africano e sabemos que, por motivos de trabalho, viajastes bastante. O Papa Francisco restituiu à Obra a ideia de Chiara do Homem-mundo.

Qual é a tua experiência neste sentido?

«Desde que conheci o Ideal, aos vinte anos, a minha vida foi a vida da Obra. Desde aquele momento nunca mais cheguei a um País sentindo-me estrangeira. Assim, quando fui à Índia para apresentar a experiência de Fontem ou a Itália, onde vim para um curso do meu trabalho e fui inserida imediatamente no núcleo de Bolonha, com as outras.

Nos EUA estive nas Mariápolis, no Brasil para a Economia de Comunhão... sinceramen-

te nunca me senti uma africana chegada num certo lugar, mas a filha de Chiara, a pessoa que chega para prestar um serviço».

Paolo, tu és italiano. Nestes seis anos viajaste muito. Para ti o que é que significa a ideia de Homem-mundo?

«Sim, nestes seis anos encontramos pessoas de todos os géneros. A beleza do ramo dos voluntários de Deus, e assim também das voluntárias, é que no interior temos uma população: pessoas jovens, separados, viúvos, muito idosos, com mais de cem anos... Temos trabalhadores, donas de casa, temos pessoas que perderam o trabalho. E encontrar no mundo toda esta vida foi uma enorme descoberta para mim! E para o próprio ramo, porque procurei o mais possível retransmitir a todos os outros as minhas experiências das viagens.

Reconhecer em todos os lugares sobretudo o rosto de Jesus Abandonado não é como quando chega um relatório! Claro que, no relatório faz-se o máximo esforço para se compreender e lê-lo em unidade, mas tocar a realidade com a mão, fá-la permanecer para sempre na tua vida, na tua memória, no teu coração.

O Homem-mundo está ali, a viver estas situações. Mas a beleza do Homem-mundo é que, exatamente nestas situações, está o ponto de renascimento, está o ponto da salvação do próprio homem. Este é o Homem-mundo, aquele que vive em cada lugar da nossa periferia e que se faz veículo e instrumento de uma história que se torna "trinitária", que desenha sobre a multidão "rendilhados de Luz"».



O agradecimento a Maria Ghislandi

Como é que cada um de vocês pensa organizar o trabalho no Centro das voluntárias e dos voluntários? E com Humanidade Nova?

Patience: «Recordo-me sempre que a Dori (Zamboni) nos dizia: "Se lerem o Evangelho não vão encontrar a palavra 'pensar', há só 'fazer'". Neste momento não penso, rezo apenas. Mas aquilo que sinto que posso dizer imediatamente é que quero tornar realidade a "pirâmide invertida". Por exemplo programar cada vez mais a vida, as atividades, os encontros juntos, não só como Centro de Voluntárias, em unidade com o Centro dos Voluntários, mas com todo o mundo. Envolver verdadeiramente os responsáveis para que eles entrem na dinâmica de desenvolver, juntos, o ramo. Deus encontrará o modo e nisto os meios de comunicação podem ajudar-nos muito, temos que os saber aproveitar bem. Eu vejo a unidade com o



A saudação de Dori Zamboni

Centro dos Voluntários e Humanidade Nova e todos os delegados do mundo como a possibilidade de fazer com que a "pirâmide invertida" não seja uma teoria, mas uma realidade, uma prática. Quanto à Humanidade Nova, imagino um percurso feito pelos quatro, juntos, para que também nós sejamos animadores de Humanidade Nova para a Obra. É aquilo que levamos à Obra: não nos levamos a nós como indivíduos, levamos a alma da humanidade transformada, damos-a à Obra para dizer "eis aquilo que o Ideal faz no mundo através das nossas pessoas, através das ações"».

Paolo: «Aquilo que é preciso hoje é um dinamismo diferente, uma sinergia diferente, baseada sobretudo na cultura da confiança, de que falou a Emmaus aqui há tempos. Devemos recuperar aquela confiança, a começar pelos Centros. Então temos que iniciar um

trabalho novo, um trabalho de serviço e fazer com que o Centro não seja um escritório. Nós temos tentado diluir a ideia de um lugar administrativo, que serve - porque servem as práticas, as estatísticas,

os arquivos -, mas não se pode prescindir da pessoa: é o relacionamento humano que nós devemos ter com as Zonas e mergulhar na realidade das Zonas para ser, uma coisa só, procurando juntos as soluções. Com Humanidade Nova, temos que colaborar juntos em projetos comuns, porque a encarnação é a realização da Obra, é isto que lhe dá credibilidade, e com maior razão no nosso ramo».

Uma ultima pergunta. Um desejo que tenham, com o coração aberto, pensando



50º aniversário de Loppiano O presente do Papa Francisco

Sábado 4 de outubro, no meio do denso programa de LoppianoLab, a Cidadela abriu oficialmente o ano do 50º aniversário, que se concluirá com LoppianoLab 2015

A retrospectiva dos primeiros 50 anos, com os testemunhos dos pioneiros, a presença de instituições locais e nacionais, entre as quais o primeiro ministro italiano Matteo Renzi, foi para a Mariápolis Renata ocasião de balanços e perspectivas, de gratidão e olhar para o futuro.

Um presente inesperado foi a mensagem firmada do Papa Francisco, ouvida no Auditorium na presença de 2.500 pessoas, e transmitido na Itália pela TV2000. Foi seguido diretamente via streaming em todo o mundo por mais 17.800 pontos de acesso.

O Papa saudou «todas as pessoas que hoje po-voam a Cidadela desejada por Chiara Lubich, inspirada no Evangelho», precisando que «os habitantes de Loppiano, desde aqueles que vivem estavelmente àqueles que ali decorrem um período de experiência e de formação, querem tornar-se especialistas no acolhimento recíproco e no diálogo, operadores de paz, geradores de fraternidade». Encorajou a «permanecer fiéis» e a «encarnar cada vez melhor o desígnio profético desta Cidadela», definindo-a: «Uma cidade escola de vida para fazer re-esperar o mundo, para testemunhar que o Evangelho é verdadeiramente o fermento e o sal da civilização do amor». No seu desejo de «tender para o alto com confiança, coragem e imaginação» faz uma recomendação de relevo: «Nada de mediocridade».

(ver www.loppiano.it)

no ramo e também no contributo dos voluntários e das voluntárias à Obra, à Igreja e à humanidade.

Paolo: «Que se realize sempre o desígnio de Deus sobre a Obra, visto por Chiara no Paraíso 49. O meu desejo é estar sempre ali, onde Deus nos pensou para sempre, sobretudo para poder dar

êxito àquela que para nós, voluntários e voluntárias, na última assembleia, soou como uma entrega específica dada pela Emmaus: "ser mediadores de Luz"».

Patience: «Que a Obra seja sempre uma. Temos sempre falado de formação e portanto de distinções. Eu penso que agora - talvez seja um pouco presunçosa - tenhamos atingido uma certa maturidade em quase todas as vocações e então já possamos trabalhar juntos para a Obra, para a Igreja, para o mundo. O meu desejo é mostrar ao mundo a família de Chiara, conscientes de que Deus mandou sobre a Terra este carisma exatamente para as expectativas deste momento da história».

ao cuidado de Aurora Nicosia e Anna Lisa Innocenti



A saudação de Giorgio Martelli (Turnea)

A família está no nosso coração

O contributo do Movimento dos Focolares na ocasião das sessões onde estiveram reunidos, no Vaticano, quase duzentos padres sinodais e 62 convidados

Juntamente com os 191 padres sinodais, tomaram parte na Assembleia 62 convidados provenientes de diversas culturas e nações: 16 especialistas ou colaboradores do secretariado especial, 38 ouvintes e delegados fraternos de outras Igrejas. Ao todo estiveram 13 casais de famílias participantes, uma entre os especialistas e 12 entre os auditores. Entre estas, uma do Movimento dos Focolares, Dieudonné e Emerthe Gatsinga, do Ruanda. Ela ginecologista, ele economista, jun-



O casal Gatsinga no Sínodo

tos gerem uma clínica. Ocupam-se da formação das famílias, dos jovens esposos, dos noivos, principalmente no seu País, mas muitas vezes fazem cursos também no Uganda, Burundi, Quénia e Congo. São especialistas nos métodos para o planeamento natural da fertilidade.

Assim, numa breve declaração, referem-se ao Sínodo. Dieudonné: «O Sínodo fez-nos descobrir como é grande o amor da Igreja pelas famílias. A simplicidade, a abertura e escuta dos



© Foto Felici x2

padres sinodais fizeram-nos descobrir a riqueza e a beleza da Igreja como família. A presença e escuta do Papa foi para nós uma lição de vida». E Emerthe: «Sentimo-nos chamados a aumentar a colaboração com os empenhados das Famílias Novas para evangelizar as famílias e os noivos. É importante dar mais tempo aos outros, experimentar viver por eles, com eles, para nos apoiarmos reciprocamente. Reconhecer as necessidades das famílias carenciadas e estar perto delas».

Anna Friso, da secretaria de Famílias Novas, com Alberto, membros do Conselho Pontifício para a Família, acrescenta: «Se numa palavra se pudesse exprimir a experiência que Famílias Novas tem feito nestes anos e aquela que continua a fazer diria: acolhimento e acompanhamento. Temos que acolher todos tal como são, e conseguir dizer a cada um, mais com os

Publicamos uma resposta da Emmaus e de Jesús, dada alguns dias antes de iniciar o Sínodo

A Igreja e a sociedade confrontam-se com a questão 'família'. Neste campo a Obra de Maria tem uma longa experiência para oferecer...

Jesús Morán: «O problema da família, antes de ser um problema sacramental é antropológico. Está em jogo o próprio desígnio de Deus sobre o homem, sobre a relação entre homem e mulher, a sua relacionalidade enquanto tal, portanto, sobre a dinâmica da dádiva, dos relacionamentos (que poderemos definir como "trinitários"). Portanto estamos diante de um problema antropológico. Sem dúvida que estamos a arriscar muito e o Papa também o disse: não fazemos o Sínodo para resolver o problema dos divorciados, não é isso que nos preocupa, porque no fim se poderão encontrar soluções já experimentadas nos séculos passados. O problema é muito mais sério: o que acontece ao homem de hoje, como cresce, que tipo de relacionamentos aprende? Este é o verdadeiro

problema da família. Conforta-nos saber que também muitas vozes leigas, não necessariamente católicas, põem o acento sobre o problema da relacionalidade e sobre o futuro da família e da humanidade».

Maria Voce: «Deus pede-nos para ajudar todos a percorrer o próprio caminho de santidade, isto é, de nos aproximarmos de Deus com os meios à nossa disposição, com os próprios limites e as próprias dificuldades, mas aproximarmo-nos cada vez mais de Deus. Os sacramentos são sinais eficazes da graça, mas permanecem sinais. Podem ser também dos outros. Chiara explicou-nos a seu tempo as "fontes de Deus". Não tinha colocado a ênfase só sobre a sua presença na Eucaristia, mas também sobre outras presenças de Deus no mundo, também na Palavra e no irmão. Para não falar na presença de Deus no sofrimento que, se for aceite e amado, é fonte de nova união com Ele. Penso que o Movimento pode ser o abraço a estas famílias; mas, como ele é parte da Igreja, abraçando estas pessoas fazemo-las sentir menos estranhas porque são abraçadas por uma porção de Igreja».

factos do que com as palavras: "Deus ama-te imensamente". Hoje em dia encontramos cada vez mais com casais que estão em crise e que encontram no Movimento dos Focolares uma rede de famílias que os acolhe e depois os acompanha nas suas dificuldades. Que os ajuda a encontrar a força do perdão, por exemplo, a força de voltar a dar confiança ao outro, de recomçar ainda, juntos...

Assim, por exemplo, com os casais com



12 de outubro de 2014. No encontro dos Focolares com os padres sinodais na sede do Conselho Pontifício para a Família



dificuldades relacionais por vezes graves, ou mesmo com os separados, ou com casais com um divórcio às costas e em novas uniões, com os quais se partilha um pedaço de vida, fazendo experimentar o seu acolhimento na Igreja, e antes ainda, o amor de Deus».

ao cuidado de Victoria Gomez

Nova configuração Em direção a um horizonte mais amplo

Os passos dados pelas comunidades da Colômbia, Venezuela e Cuba, que compõem a nova Zona sulamericana 2

Enquanto decorriam os trabalhos em função das consultas para a Assembleia, o processo para construir a nova realidade da Zona sulamericana 2 avançava: partidas e chegadas de focolarinas e focolarinos com novas composições nos focolares; Zonetas que se tornam territórios; os primeiros encontros, ainda tímidos, dos novos Conselhos de zoneta ou de território, os Delegados e os Conselheiros dos dois centros-zona reuniam-se várias vezes para compreender...; primeiras viagens dos Delegados de Zona e dos responsáveis nas Zonetas. Tudo isto enquanto o «ordinário» acontecia: Mariápolis, Jornadas, Aniversário de Chiara, visitas do Centro...

As perspectivas mudaram fortemente: a Colômbia tornou-se uma única zoneta seguida pelos focolares de Medellín; a Venezuela, agora uma zoneta, podia ser melhor seguida pelos focolares, já sem os centros zona; Cuba já não é seguida pelo México, mas sim por Bogotá!

«Desde abril – contam-nos da Venezuela – que iniciámos a nova realidade como Zoneta, caracterizada por novos passos de adesão, de abertura de coração e de entendimento, para



Diante de N^a S^a de Chiquinquira, em Maracaibo (Venezuela)

além do esforço alegre de todos para construir Jesus no meio. Sentimos fortemente que Deus está a trabalhar e nos faz viver momentos intensos de luz, de crescimento, fruto do amor pessoal e coletivo a Jesus Abandonado. Como primeira coisa, fizemos o propósito de consolidar uma unidade mais profunda entre focolarinos e focolarinas, num relacionamento de verdadeiros irmãos. Um caminho que nos tem permitido pensar juntos, dar contributos de pontos de vista diferentes. Com repercussões nos internos que, apesar das dificuldades que se vivem no país, experimentaram um novo entusiasmo e a alegria de viver e comunicar o Ideal. [...] A chegada de novas focolarinas, recebidas com muito amor da parte de todos, num momento que não é fácil, enriqueceu Jesus no meio dando um contributo de experiência, frescura e largueza de alma. A comunidade apreciou muitíssimo o “sim” destas focolarinas, felizes por partilhar os sofrimentos deste povo».

Da Colômbia: «A vida desta zoneta foi muito variada, devido às novas realidades vividas nos primeiros meses deste ano, com o início da zona sulamericana 2 com os seus novos Delegados. Desde o início, tivemos momentos de comunhão com eles

e também com os responsáveis dos outros territórios, procurando compreender o sentido de sermos uma única zoneta para toda a Colômbia, na unidade e na distinção, sendo na totalidade três focolares femininos e um masculino». E é este o desafio: «Trabalhar num projeto único como País, dado que nestes anos havia duas zonetas e um território».



Depois, como já se disse, havia a realidade dos Conselhos! Num caminho de discernimento, estabelecemos metas, com etapas bem precisas, a partir de uma experiência de escuta profunda.

Como Delegados, com os Conselheiros dos dois centros zona, estamos a procurar compreender cada vez melhor o nosso papel e, sobretudo, qual o serviço que podemos oferecer às zonetas e territórios, mas também ao Centro da Obra. Por este motivo, em diversos momentos destes meses reunimo-nos, para nos atualizarmos sobre os vários passos e para perceber o que fazer, onde nos devemos empenhar, como «colorir» a Zona, etc. Dedicámo-nos sobretudo a contactar com os diversos responsáveis das Zonetas, com os quais nos reunimos pelo menos duas vezes durante vários dias, para além de comunicações via Skype durante os últimos meses.

Houve também uma visita mais detalhada às três zonetas com reuniões, encontros ou retiros com os focolarinos e as focolarinas, os Conselhos, com algumas das comunidades, com os membros de alguns dos ramos, para além dos colóquios pessoais e reuniões com os dois responsáveis de cada Zoneta. Em algumas destas visitas foi possível conhecer os projectos e as obras sociais existentes.

Um dos leit-motiv destas viagens era a grande riqueza que advém de viver uns pelos outros, como única família, nas várias nações da nova Zona.

Maria Augusta De la Torre, José Juan Quesada



Com a comunidade de L'Avana (Cuba)

EM DIÁLOGO

Tanzânia

Um caminho para o diálogo



O maior desafio de hoje na Tanzânia é o diálogo entre cristãos e muçulmanos

Este País, maioritariamente cristão, que

durante anos deu o exemplo de convivência pacífica entre os vários grupos étnicos e religiosos, confronta-se agora com uma ameaça fundamentalista, por parte de grupos islâmicos. Questionámo-nos como dar o nosso contributo de forma incisiva e a Providência, durante a festa para Chiara em março de 2013, colocou no nosso caminho um irmão muçulmano. Fascinado pela figura de Chiara, começou a frequentar o focolar. Este ano, na mesma ocasião, convidou muitos dos seus amigos muçulmanos e personalidades religiosas do Islão de Dar-es-Salaam. Ele é o responsável pelos jovens da província e não se cansa de falar de Chiara e do focolar, convicto que só o seu carisma poderá unir-nos na Tanzânia. As autoridades eclesásticas encorajam este nosso diálogo.

Assim, na Mariápolis, foi possível dar mais um passo no diálogo e no terceiro dia de um «Open Day» (Dia aberto) estavam presentes Sceicchi, Imans e personalidades islâmicas. Sabemos que será um caminho longo mas nasceu uma nova esperança.

Ruth Mburu

A caminho de «MunIQUE 2016» Por um futuro reconciliado

Um novo projeto de «Juntos pela Europa» dá os primeiros passos

A ideia nasceu no encontro dos «Amigos» em novembro de 2013, em Paris, para dar um contributo na comemoração dos 500 anos da Reforma (2017), e foi apresentada ao card. Kurt Koch, presidente do Conselho Pontifício para a unidade dos cristãos.

Já tinha sido recebida favoravelmente na Alemanha, quer pelo card. Marx – presidente da Conferência episcopal alemã – quer pelo bispo luterano July, vice-presidente da Federação luterana mundial.

A 27 de outubro, com o card. Koch, eram nove os responsáveis de Movimentos e Comunidades (Ymca, Congresso de Responsáveis evangélicos, Schönstatt, Santo Egídio, Focolares). Ele segue com atenção os primeiros desenvolvimentos do evento previsto para 2016: a escolha do local, Munique da Baviera; a previsão de um congresso de 30 de junho a 1 de julho de 2016 e uma manifestação a 2 de julho, numa praça significativa da cidade; as primeiras linhas de conteúdo.

Com vista ao aniversário da Reforma, o Cardeal sugere três atitudes, em plena sintonia com quanto foi exposto pelos representantes de «Juntos...»: «gratidão» por quanto de aproximação já se fez entre evangélicos e católicos; «pedir perdão» pelos erros come-



tidos por ambas as partes; «esperança» de se dar mais um passo em direção à plena e visível comunhão.

A Emmaus, presente com a Eli Folonari e alguns outros membros do Movimento, explicou que a reconciliação e o viver pela unidade é já um processo em andamento entre Movimentos e Comunidades de várias Igrejas. O card. Koch afirmou que é tarefa dos Movimentos dar movimento ao Movimento ecuménico! – confirmando quanto foi já exposto. Salientou a necessidade de um evento espiritual de «reconciliação», convidando a envolver também Movimentos e Comunidades do mundo ortodoxo e do Pentecostal. A Europa tem futuro – é o que pensam muitos cristãos – só se respirar com dois pulmões, o mundo do Oriente e o mundo do Ocidente.

O Cardeal nota, com pesar, que nas Igrejas existe quem não perceba a necessidade da unidade dos cristãos. Daí a urgência do trabalho de sensibilização que os Movimentos fazem para que haja mais unidade vivida no dia a dia.

Diego Goller (Iride)

Em diálogo entre Movimentos Para «sair, juntos»

A participação no centenário do Movimento de Schönstatt

Nos dias 25 e 26 de outubro reuniram-se cerca de 7500 membros de Schönstatt, provenientes de todo o mundo, festejaram em Roma o seu centenário, dando ao evento o timbre da comunhão entre os Movimentos. No encontro com o Papa Francisco na Aula Paulo VI, entre os convidados de vários Movimentos, na primeira fila estava também a Emmaus Voce, Jesús Morán, Eli Folonari e outros dos Focolares.

Na tarde desse mesmo dia 25, na Conferência telefónica direta, Jesús comunica a sua impressão: «No seu discurso, o Papa disse que o cristão é uma pessoa que não tem o centro em si próprio, é descentrado – descentrado – porque o centro é Jesus. O centro – continuou ele –, não é a Cúria, não é a Igreja, não é o Movimento. Neste caso é necessário dar um novo impulso, uma nova saída! [...] No fundo, sair não é mais do que atualizar o objetivo específico do carisma que é o «Ut omnes». Isto é que é sair! É preciso reconhecer que o Movimento viveu uma longa estação em que teve que organizar também estruturalmente, e institucionalmente. E isto, forçosamente, levou-nos a concentrar-nos um pouco sobre nós mesmos. Quando nos concentramos demasiado sobre nós mesmos – disse o Papa esta manhã –, é como estar a pentear as ovelhas. Bem... não é preciso estarmos a pentear as ovelhas, temos que acompanhar as ovelhas, levá-las a sério. As estruturas existem para uma saída com mais maturidade, mais radical.[...] Nós somos o Movimento da unidade, por isso temos o nosso estilo de saída, que é sair jun-

tos. Mas não se trata de estar juntos nós, mas juntamente com todos aqueles que encontramos quando saímos, isto é, juntamente com os outros.

Hoje, por exemplo, depois do encontro com o Papa, com Diego Goller e Severin Schmid estivemos com alguns do Comité central do «Juntos pela Europa», e eu fiz a experiência do que significa sair juntamente com outros, neste caso para voltar a dar à Europa a sua alma no sentido cristão».

Às voluntárias e aos voluntários reunidos em Castel Gandolfo para a Assembleia, ao falar do evento de Schönstatt, a Emmaus confia:

«Ontem estivemos com o Papa e a última coisa que ele fez foi o envio missionário. Gostei porque ele disse "Envio-

vos não em meu nome, mas no nome de Jesus, em nome de toda a Igreja". Estavam mais de sete mil pessoas: era uma maravilha, ver pessoas assim que vão pelo mundo a levar Jesus. O responsável mundial, o p. Heinrich Walter, que conhece a Obra, queria mesmo que estivessemos presentes[...]. É uma graça este relacionamento verdadeiro, concreto. Era como se Jesus me dissesse para ter um coração grande para reconhecer todas as dádivas que Ele nos dá, como se nos convidasse a juntarmo-nos, para potenciar o nosso compromisso na Obra em viver a realidade de Humanidade Nova – que é um terminal natural, que abrange toda a humanidade neste compromisso».

A redação



Nos EUA

E estavam todos juntos

Primeira Jornada Nacional para os Movimentos Eclesiais e as Novas Comunidades nos EUA

Pela primeira vez na história da Igreja Católica dos Estados Unidos, a 9 de agosto, perto de Washington (Maryland), realizou-se uma jornada nacional para os Movimentos eclesiais e as Novas Comunidades. O encontro foi o fruto de um caminho de colaboração, percorrido nos últimos anos a nível nacional entre mais de 33 Movimentos ou Comunidades, o culminar de um percurso conjunto e auspício para relacionamentos novos e mais profundos entre os Movimentos e com os representantes da Igreja local. Cerca de 1000 participantes, dos quais 150 com menos de 13 anos, que tiveram um programa à parte.

A jornada, com o título «E estavam todos juntos», realçou o papel e o contributo que os Movimentos dão à Nova Evangelização, articulando o seu empenho sob três aspectos: santidade, comunhão e evangelização/missão. Os temas tratados tornaram-se vivos pelos fortes testemunhos de vários membros dos Movimentos presentes.

O encontro iniciou-se com uma entrevista pré-gravada a Bruna Tomasi, a quem muitos se referiram ao longo do programa. Depois, o bispo Micheal Mulvey ofereceu o seu testemunho. Depois, uma gen apresentou a história

de Chiara Luce Badano. Foram significativos os contributos dos outros Movimentos, como os Neocatecumenais, Cursillos e Marriage Encounter, com experiências ricas de vida. A

jornada concluiu-se com a Missa celebrada pelo card. Donald Wuerl, arcebispo de Washington.

O cardeal Theodore McCarrick, arcebispo emérito de Washington, atribuiu ao evento uma dupla importância: a de unir os Movimentos permitindo-lhes ver as maravilhas na variedade de Deus e, ao mesmo tempo, recorda-lhes a importância de estar bem inseridos em toda a Igreja.

E Ralph Martin, do Renovamento carismático, consultor do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização: «Cada um é chamado a dar o próprio contributo e também a respeitar e amar os contributos que os outros dão» e referiu-se ao grande trabalho realizado pelo Focolar para a unidade entre todos.

Experimentou-se a beleza da Igreja, variada e enriquecida pelo Espírito, através dos vários carismas.

Chiara Zanzucchi, Marco Desalvo



Burundi Reconhecer-se irmãos

Um processo de reconciliação depois da guerra civil dos anos noventa, para reencontrar a dignidade dos filhos de Deus

Depois da guerra civil entre as principais etnias, que provocou tantas vítimas no Burundi nos anos 90, e do fim da luta armada em 2009, o país agora continua o processo de «Reconciliação». A Igreja sente o apelo urgente de ser um instrumento para este processo.

Tendo sido convidados pela Igreja local, que em 2012 tinha organizado um Sínodo sobre este tema, comprometemo-nos a dar o nosso contributo como Movimento e o trabalho realizado pelos nossos internos para aquele Sínodo levou todos a fazer um exame de consciência, pondo em comum opiniões e esperanças.

No ano escolar de 2013-14 aprofundámos esta temática com jornadas de encontro para favorecer o comunicação e a comunhão, com um diálogo franco e aberto entre os internos das duas etnias Hutu e Tutsi. Vimos nitidamente a ação de Deus. Pessoas que tinham sofrido traumas, violências e com feridas ainda abertas que tornavam difícil o perdão, orientavam-se para a reconciliação. Durante estes encontros havia sempre uma meditação de Chiara, através do vídeo, que nos convidava a um clima elevado de escuta recíproca. Cada um sentia-se entusiasmado com as suas palavras. As intervenções que se seguiram eram uma verdadeira libertação dos dramas vividos, fazendo desaparecer muitas intolerâncias.

Em cada encontro a comunhão tornava-se mais profunda, até se tornar possível comunicar experiências que nunca se tinham contado antes. Era absolutamente novo ouvir frases do



tipo: «Eu sou Hutu», «Eu posso dizer que sou Tutsi». Graças à presença de Jesus no meio iam caindo as barreiras da desconfiança, os membros de etnias diferentes já não se viam como inimigos e, nas experiências comunicadas, vinha em evidência o facto que muitos foram salvos por pessoas da etnia oposta. Ia sendo cada vez visível a ideia que «o outro sofreu o mesmo ou ainda mais do que eu». «...Posso voltar à minha aldeia de origem onde a minha família foi massacrada...». Ao procurar «viver o outro» dão-se passos novos, abordam-se as realidades de hoje. Estamos apenas no início, mas Jesus entre nós vai conseguir realizar o milagre do «...que todos sejam um». Já se nota que a comunidade é cada vez mais a «família de Chiara», onde todos são seus filhos, sem diferenças.

*Reja Oliveira, Salvatore Ignaccolo
e a comunidade do Burundi.*



Um grito de paz vindo da Nova Zelândia

A flor do *kowhai*

Uma tarde onde a oração se tornou partilha, aberta para o mundo, sobretudo onde se alastraram as guerras, violências, doenças

Estamos no coração de Wellington na Nova Zelândia, terra que pode ser vista como distante e no fim do mundo, mas desde sempre com os braços e as portas abertas para muitos povos.

Movidos pelas notícias de guerras no Iraque, Gaza, Ucrânia, África Central, ou o preocupante avanço da epidemia de Ebola, os gen e os jovens por um Mundo Unido sentiram a urgência de se encontrarem num local público e dar voz ao desejo de paz que sentem e partilham com muitos outros, em primeiro lugar com o Papa Francisco. No dia 26 setembro estava no encontro também o arcebispo de Wellington, Joh Ndeu.

Entre todos, foi muito forte e incisivo o testemunho de duas raparigas iraquianas, Sendirella e Ayssar, a primeira católica, a segunda muçulmana, que se conheceram na Nova Zelândia, para onde se transferiram as suas famílias. Falaram dos seus países de origem, da sua amizade. Falavam alternadamente: «Somos diferentes», «no entanto iguais. Na religião de uma reconhecemos sempre elementos da religião da outra». O Iraque de hoje, associado à guerra, minorias em fuga, atrocidades, não é o mesmo dos seus pais, onde o vizinho podia ser cristão, muçulmano, hebreu ou yazidi, e não era um problema. Agora esse país parece tão distante... «Pelo con-

trário – continuam – nós sabemos que a paz não consiste numa palavra de uma constituição, num sistema de governo, nem em operações aéreas que a queiram impor. A paz está na observância quotidiana dos nossos princípios e valores, constrói-se a partir de baixo, mais do que imposta do alto». Katheen, jovem universitária, fala depois do testemunho das duas raparigas, contando a conquista – depois de um mal-entendido com outros jovens com quem condivide a casa – de conseguir pedir desculpa, inserindo mais qualidade no relacionamento entre eles.

A tarde de oração concluiu-se com o convite a ser construtores de paz ou *peacemakers* e a selar este compromisso atando uma fita branca numa árvore com o nome *kowhai*, na língua maori, originária da Nova Zelândia. A sua flor, de um amarelo intenso, é uma das imagens não oficiais que a representam. Apesar de ter uns ramos frágeis pode chegar a 20 metros de altura. Tem propriedades medicinais e muitas das aves típicas desta terra alimentam-se do néctar das suas flores. Agora vai ser plantado simbolicamente numa área verde adjacente à escola onde Nett Legarda, focolarino das Filipinas, deu aulas durante muitos anos, até um mês antes da sua partida para o Céu.

Miriam Vender



Tecla Rantucci

Testemunho de Deus Beleza

A Tecla, focolarina da Mariápolis Romana, com 93 anos de idade, partiu para o Céu no dia 19 de setembro, acompanhada pelo seu focolar, pelas focolarinas da Casa Verde, por familiares e pelas orações de muita gente do mundo inteiro. Foram muitíssimos os testemunhos do amor que ela deu e que também recebeu.

Nascida numa aldeia da montanha do Abruzzo, era a mais nova de nove filhos, sete irmãos e uma irmã. Na sua família, como ela contava, a arte era muito significativa, e por isso pôde frequentar a Academia das Belas Artes de Roma. Recordava: «Então, tentei comparar-me com os grupos de artistas romanos, mas percebia que se concentravam nalgum fragmento, enquanto eu tinha necessidade de horizontes amplos. Não queria comprometer-me comigo mesma, por isso decidi renunciar não apenas a uma possível carreira, mas à própria arte». Foi uma altura de longa e difícil procura, mas sempre ancorada numa fé profunda. Tudo isso foi uma prova que a preparou para o encontro com o Ideal, em 1956. «Foi o encontro com Deus Amor - dizia -, em Chiara encontrei a minha vocação!».

Naquela altura, nos bairros de Roma realizavam-se encontros por "mundos" e num deles conheceu a escultora Ave Cerquetti. «Fascinou-nos aquele "Onde dois ou mais" que o Ideal propunha, portanto também entre dois ou mais artistas. Dissémo-nos: não há dúvida que Jesus no meio entre artistas - Ele, o Mestre - levará a Verdade à Arte». Decidiram abrir juntas um *atelier* em Roma, prontas a receber outros artistas. Em 1961, a Tecla participou na primeira Escola internacional de focolarinas em Grottaferrata. Aí nasceu oficialmente o Centro Ave. À Tecla foi essencialmente confiado o setor da cerâmica. Dizia: «Chiara convidava-nos a contemplar o silêncio de Maria para nos ajudar a captar "a inspiração" como vida do Espírito em



nós». Em 1965, o *atelier* mudou-se para Loppiano. Aqui a história da Tecla entrelaça-se com o desenvolvimento do Centro Ave e com o nascimento da Cidadela, onde viveu durante 30 anos, colaborando também na formação das focolarinas.

Em 1990 foi para a Mariápolis Romana, para ajudar no campo da saúde: «Nunca olhei para trás, descobrindo neste serviço aos irmãos algo ainda maior: era dar a vida por eles». Em 2007 escrevia a Chiara: «Como uma graça, fortaleceu-se em mim a esperança que quando chegasse a minha "hora", Deus ajudar-me-ia a chegar santa lá acima... Com 86 anos, tenho diante de mim o meu negativo, mas... Deus pode fazer a Sua obra prima de Sumo Artista e Sumo Amor». No Natal de 1999, a Tecla escreveu a Chiara: «Com um incrível bater de asas levaste a Obra ao terceiro milénio, e para sempre ao coração da Trindade, fazendo-nos experimentar a que alturas vertiginosas somos chamados a viver já nesta Terra». E ainda: «Pedi a Maria, a "toda Bela" que os artistas da Obra saibam também captar nem que seja só uma gota daquela beleza, para a mostrar ao mundo "a Beleza de Deus"...».

No passado mês de junho foi-lhe diagnosticada uma doença incurável, tendo percebido que lhe restava pouco tempo de vida. Às suas companheiras de focolar disse: «Foi como se um amigo me viesse buscar, senti-o como um remoinho que purificou tudo para me preparar para o encontro com Jesus. Virão momentos duros, mas... é uma graça!». Com o agravamento da doença, a Tecla mudou-se para a Casa Verde, onde podia ser tratada de modo mais apropriado. E preparou-se escolhendo até o fato para a «festa».

Chiara tinha-lhe dado a Palavra de vida: «Que, entre vós, tudo se faça com amor» (1 Cor 16,14) e confirmou-lhe o seu nome como nome novo: Tecla = Terra clarificada. Rezemos por ela, que pensamos que esteja no Céu a contemplar Deus Beleza (*No notiziario mariapoli online está*

disponível o link da transmissão direta do funeral e dos testemunhos).

Ciro Postal

«Sem o Ideal o que seria a vida?»

O **Ciro**, um dos primeiros focolarinos casados de Trento e do mundo, que conheceu o Ideal ainda em 1946, chegou à Mariápolis Celeste no dia 5 de outubro, aos 91 anos de idade. Acreditamos que agora esteja na alegria do Paraíso, para sempre ao lado de Chiara, de Foco e de todos os nossos que já lá chegaram.

Unidos através da oração com a sua esposa, Irma, confiamos ao **Ciro** a sua família, os focolarinos casados e o nosso caminho em direção ao «Ut omnes».

A vida de **Ciro Postal** é coincidente com a da primeira comunidade de Trento. Há um ano foi-lhe diagnosticado um tumor grave. Ao telefonar ao seu responsável de zona disse, com uma voz muito serena: «Tenho uma esplêndida notícia para te dar... hoje recebi o bilhete de ida para o Paraíso... há uma vida inteira que Lhe digo o meu "sim" sempre e com alegria, mas desta vez disse-o com a alma a cantar». Logo que foi internado no hospital confiou a um focolarino: «Continuo a perder as forças, a memória; perco tudo, exceto a unidade». E ainda: «Hoje procuro fazer a comunhão oferecendo esta grande dor e digo "Marànathà! Vem Senhor Jesus", como os primeiros cristãos, quando se dirigiam para a morte».

Não tinha medo da morte: «Espero-a - dizia - da mesma forma que, com a Irma, marcámos o dia do nosso casamento. Tenho sempre a esperança de estar com Ele por toda a eternidade; isto dá-me paz, porque espero pelos Seus designios, a Sua vontade e vejo que posso dar esta paz também aos outros». **Ciro** conheceu o Ideal aos 23 anos, em 1946, através da sua namorada, Irma Lubich, prima de Chiara: «Ela falava-me desta nova espiritualidade, que para mim era verdadeiramente



"nova", porque falava de Deus como nunca tinha ouvido». Chiara «ensinava a maneira de nos sentirmos realmente filhos de Deus Amor». Ainda namorados, participaram nos encontros com

Chiara e com as primeiras focolarinas e, numa destas ocasiões, o **Ciro** recebeu um nome novo: «Cielo» e a Palavra de vida: «O meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (cf. Mt 11,30). Em 1948 casaram-se e em poucos anos a família cresceu. No início dos anos 50 viveu fortes momentos de luz com Chiara, Foco e os primeiros focolarinos casados. Comentava: «Uma semana depois, aquele ardor desapareceu e encontrei-me naquele mundo que pensava ter deixado. Experimentei uma grande nostalgia do divino que tinha saboreado e, só abraçando Jesus Abandonado, consegui começar a viver a

minha nova vida». Na comunhão com os outros, o **Ciro** percebeu que aquela tinha sido uma graça especial e que agora tinham de voltar a subir o monte, não já sozinhos, mas levando consigo toda a humanidade! Sabiam qual era o caminho: Jesus no meio e Jesus Abandonado. Um momento de viragem foi a morte do terceiro filho, com apenas sete meses. O **Ciro** tinha bem presente um pensamento de Chiara, ainda dos primeiros tempos: não vos assusteis por causa das provas que podem chegar «*Não é porque as merecis - recordava - mas é porque as podeis viver para as oferecer aos outros, transformadas pelo ideal. Porque não se pode dizer uma palavra a mais, nem uma palavra a menos daquilo que se viveu.*». Imediatamente a seguir ao maio de 1968, na sua família, a contestação surgiu em pleno. «Desorientados, eu e a Irma, perguntámo-nos o porquê desta provação e recordámo-nos de tudo o que Chiara nos tinha dito 25 anos antes». Em unidade constante com o focolar, com a esposa, acreditou no amor de Deus por ele e pelos seus quatro filhos que, um após outro, saíram de casa: «Aceitei as suas escolhas e os seus programas e tive a graça de não interromper o diálogo com eles». Muitas vezes repetiu para si mesmo: «Propôr e não impôr», sobretudo quando teve de se confrontar com o sofrimento da droga. Este encontro com Jesus Abandonado, que amou com uma fidelidade sempre nova, levou-o, em 1981, a

promover uma associação de apoio a famílias envolvidas na dependência da toxic dependência.

Por cinco vezes, por um período de três meses, esteve nos Camarões, em Shisong e em Fontem, para ensinar o trabalho de técnico de ortodôntica e montar um laboratório. Durante muito tempo o Ciro realizou o seu trabalho com profissionalismo e com paixão. No focolar foi sempre «jovem», pronto a pôr em comum as suas experiências e, enquanto lhe foi possível, também os doces eram feitos por ele. Quando deixou de poder participar diretamente na vida da Obra, contactava por telefone as pessoas que lhe estavam confiadas, enviava a Palavra de vida ou um cartão. Nas suas orações recordava todos os dias 500 pessoas.

Gostava de repetir: «Mas sem o Ideal o que seria a vida?». Era mesmo por esta graça ele era imensamente grato a Deus e a Chiara, e que quis compartilhar até ao fim.

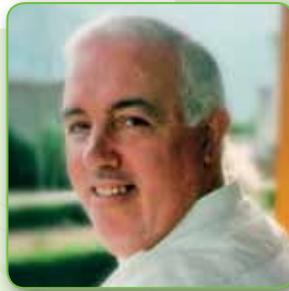
Cesare Zorra

«Vem e segue-me»

No dia 28 de setembro, Jesus chamou para si o Cesare, focolarino casado da zona de Milão.

Do Centro Mariápolis «Luce», em Frontignano, chegou à Mariápolis celeste, onde acreditamos que tenha recebido a recompensa pela sua vida oferecida a Deus com generosidade. Confiamos a Nossa Senhora a sua esposa Rosi e os filhos Paolo, Piero, Andrea e Maria, uma focolarina, que nesta altura está na África do Sul.

Era filho único, ficou órfão aos oito anos e cresceu num ambiente familiar sem valores religiosos. Entrou para uma fábrica como simples aprendiz, mas, em poucos anos, estudando à noite, conseguiu com a nota máxima o diploma de técnico industrial. De operário passou a chefe de secção e desenhador técnico, com a responsabilidade de centenas de trabalhadores. No início dos anos '60, em Asti, quando tinha pouco mais de vinte anos, o Cesare, através de Rosi, a sua namorada, viveu uma conversão «fulminante». Em 1962 casaram-se. Nasceram Paolo, Piero e Andrea.



O encontro com o Ideal foi para ele a descoberta do Evangelho, “não um livro histórico – dizia sempre – mas o livro de hoje”. A sua vida foi uma contínua resposta à revolução exigente do Evangelho. O Cesare e a Rosi, também ela focolarina, fazem da sua experiência familiar um focolar. A sua casa, em Asti, tornou-se ponto de referência para a comunidade da Obra, espaço em que eram recebidas muitas pessoas com necessidades e muitas crianças órfãs. Em 1977, foi doada ao Movimento uma fazenda em Frontignano, na região de Brescia, com a intenção de que se pudesse tornar num centro de formação e de espiritualidade. A doação incluiu também terrenos agrícolas e o Movimento, precisando de alguém que os gerisse, pediu à família Zorra e a outras famílias a disponibilidade para se mudarem para lá. Não era uma decisão simples. Foi preciso deixar um excelente lugar de trabalho, um salário que permitia uma vida

confortável, profundas raízes na realidade local. O “sim” de toda a família foi imediato e convicto. Em 1978, o Cesare escreveu a Chiara: «Com esta chamada de Deus a deixar tudo aquilo que é do mundo, temos só Deus e isto deixa-nos livres... para estarmos à inteira disposição da Obra». O Cesare tinha 40 anos e deparou-se com o trabalho de agricultor, do qual não sabia nada, tendo de pedir - às vezes com um pouco de embaraço - muitos conselhos aos agricultores locais mais conhecedores.

«A agricultura era completamente nova para mim, e tornava-se muito difícil aprender alguma coisa. Algumas vezes chorei naqueles campos sem fim e sem saber o que fazer. Era um grande sofrimento e sem soluções imediatas a não ser o amor a Jesus Abandonado». Foi-lhe sempre uma grande ajuda a frase do Evangelho que Chiara, em 2001, lhe deu como palavra de vida: «Procurai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça e tudo o resto vos será dado por acréscimo» (Mt 6,33).

Em Frontignano, o Cesare era admirado pelo equilíbrio, pela sabedoria humana, pela capacidade de não dramatizar até nas situações mais complicadas. Quem se encontrava com ele sentia-se aceite, amado, porque tinha uma enorme delicadeza nos relacionamentos, fazia com que todos se

sentissem à vontade. Sabia amar e deixar-se amar.

Na comunidade do Movimento, em Brescia, nasceu uma nova vida ao seu redor. No batizado de Maria, a quarta filha, no pátio da fazenda reuniram-se algumas centenas de pessoas, na mais absoluta simplicidade, para festejar. Com a contribuição de todos, depois de alguns anos, a antiga fazenda foi completamente reestruturada e nasceu o Centro Mariápolis “Luz”.

O Cesare promoveu formas de colaboração entre os agricultores, propôs soluções cooperativistas para a aquisição de máquinas, inventou soluções técnicas que partilhou com os colegas, fez serviço de voluntariado. Pediram-lhe que se comprometesse na política. Aceitou, foi eleito vereador e tornou-se uma referência para todas as tendências políticas, um conselheiro desinteressado

de e mediador nas situações administrativas mais complexas.

Para dar apoio às comunidades locais do Movimento, foi duas vezes ao Paquistão, e um ano depois, como família focolar, deslocaram-se à Argélia.

A sua relação com Deus foi-se purificando cada vez mais. A sua oração era «oração da vida». Sabia estar com os pés na terra, mas o coração e o olhar estavam dirigidos para o Céu. Neste último período, o Cesare sentiu a exigência de se preparar para o encontro com o Eterno Pai. No final de um retiro no focolar, escreveu: «A minha alma sentiu muito forte e como novas as palavras de Jesus: Vem e segue-Me». Foi acometido por uma doença súbita, a poucos passos de uma capela dedicada a N^a. Senhora das Dores.

Sandro Grippa

Estar sempre na linha da frente

O Sandro, focolarino casado da zona de Milão chegou na casa do Pai no passado dia 30 de setembro, aos 85 anos de idade. Em julho tinha sido operado devido a um tumor e, depois da quimioterapia, surgiram complicações. Ainda jovem teve de abandonar os estudos universitários para tratar da empresa da família, devido à morte repentina do pai. Quando andava à procura de uma associação que abrangesse também casais, encontrou o Movimento, em 1965, no focolar de Milão. Em 1975 amadureceu nele a vocação ao focolar e recebeu de Chiara a Palavra de vida: «Nada temas, porque Eu te resgatei, e te chamei pelo teu nome: tu és meu» (Is 43,1). Homem devoto, educado na escola de Santo Inácio, encontrou no carisma da unidade a pérola preciosa e por isso escreveu a Chiara, em janeiro de 1968: «estou disposto a vender tudo para a poder conquistar», uma escolha que completou a sua já sólida formação espiritual e o seu forte compromisso social. Ficou viúvo com cinco filhos, o mais novo com apenas 11 meses, porque a Maria Teresa, com



a qual partilhava o Ideal, faleceu subitamente. Confiou a Chiara a sua imensa dor, mas também a sua fé: «Quero acreditar que Deus é Pai amoroso e que tudo será para o bem dos meus filhos». Seguidamente o Sandro casou-se com Pinuccia, que o ajudou a cuidar da família. Durante trinta

anos foi estreito colaborador do P. Morell S.J., fundador do «Centro Cardeal Schuster», o mais importante centro juvenil de Milão, que se dedica à formação humana e cristã dos jovens, através do desporto. O Sandro foi o responsável leigo, primeiro como vice-presidente e depois como presidente; tinha uma relação muito forte com o P. Morell, tendo escrito: «a minha participação e o contínuo contacto com associações de leigos empenhados e com os próprios jesuítas, permite-me ver a beleza do nosso carisma e agradecer ao Senhor por me ter permitido fazer parte dele, por compreender o desígnio de Deus sobre cada um de nós e sobre cada realidade eclesial». Negociar os próprios talentos, comunicar entre Movimentos, fazer um intercambio das graças que Deus deu a cada um, dar e receber, isto é mesmo vida, é amor, é fazer crescer de modo harmonioso a

Igreja». Quanto à sua relação pessoal com Deus: «Mesmo quando os problemas nos levam a ficar acordados, o dar tudo a Deus restabelece a serenidade e a paz interior. Descobri Nossa Senhora e estou a aprender a confiar-Lhe a minha vida e a vida das pessoas que me foram confiadas». Diz ainda: «Quando existe qualquer desacordo ou reclamação injusta, o colocar-me em Jesus Abandonado, reconhecê-Lo, leva-me a Deus e à minha vocação». Vivendo a palavra de vida, aperfeiçoando a sua atenção a todas as pequenas ou grandes coisas quotidianas: «Ser focolarino quer dizer estar sempre na "linha da frente", na tentativa de colocar Deus no primeiro lugar, o "Amor acima de tudo... Quanto mais os anos passam, mais nos damos conta que é muito exigente, e que, apesar de tudo, andamos sempre à procura de alguma recompensa, que não conseguimos fazer o vazio dentro de nós... e então? Recomeçar sempre».

Gisela Wilke

Olhar celeste

A Gisela, focolarina casada da zona de Leipzig (Alemanha de Leste), chegou à Mariápolis celeste no dia 30 de setembro. Partiu em paz, rodeada pelos filhos e pelo marido August. Nasceu em 1925, era transparente e muito profunda. Os seus olhos azuis espelhavam um pedaço de céu. Desde jovem tinha uma grande sede de Deus e, quando o namorado August a conheceu, ficou com ciúmes porque sentiu que a Gisela amava mais alguém do que a ele: «Intuia que Deus fosse tudo para ela e um dia disse-lhe: "Parece-me que amas mais a Deus do que a mim" e ela respondeu-lhe: "É mesmo assim". Num primeiro momento fiquei zangado, depois, pouco a pouco, também eu encontrei Deus e dei-Lhe o primeiro lugar na minha vida».

Tendo em conta experiências nem sempre felizes vividas nas suas famílias de origem, a Gisela e o August comprometeram-se desde o início da vida de casados a manter o amor a qualquer

custo. Em 1965, um sacerdote convidou-os para um encontro do Movimento e aí conheceram as focolarinas e os focolarinos, mais em particular Natalia Dalla Piccola e Clari Santanché, e ficaram conquistados pela experiência de Jesus no meio. A vocação ao focolar amadureceu em ambos e, em 1973, na capelinha do focolar masculino de Leipzig consagraram-se a Jesus Abandonado. Os cinco filhos, dos quais duas gémeas, cresceram numa verdadeira família-focolar. A Gisela fazia a contabilidade na empresa em que August era um dos gestores. Durante o regime comunista da RDA todas as empresas privadas foram nacionalizadas e expropriadas, o mesmo acontecendo à família Wilke. Um dia, a casa e a empresa deles foi alvo de uma busca e August foi preso. A Gisela, que estava à espera do quarto filho, ficou sem possibilidades económicas, mas não desistiu de acreditar e de rezar. Muita gente a ajudou materialmente e rezavam com ela pela libertação do marido, o que veio a acontecer alguns meses depois. Em 1984, na sua primeira carta a Chiara, depois de ter ouvido



o tema sobre Jesus Abandonado, a Gisela escreveu: «Percebi como é grande a chance de viver num ambiente que não conhece Deus ou mesmo O renega. Quantas oportunidades existem para amar Jesus Abandonado nestes irmãos distantes. Todas as manhãs, quando digo a Jesus o meu "eis-me"; procuro recordar-me e estar vigilante para não deixar que Ele me fuja, mesmo ali onde está mais abandonado. O teu exemplo da bússola é para mim uma grande ajuda». A Gisela e o August viveram sempre de uma maneira radical para testemunhar o carisma da unidade. Muitas pessoas recordam ainda as suas fortes experiências de casal e de família. O Ideal foi tudo para ela; ficava felicíssima quando podia ir ao focolar e tinha uma grande estima pela virgindade. Comunicava as experiências com alegria, mas conheceu também momentos de provação e de desencorajamento, que partilhava com simplicidade. Em 1995, a Gisela escreveu a Chiara: «Cheia de admiração por esta Obra incomparável do Espírito Santo e de Nossa Senhora, agradeço a Jesus que me chamou a esta espiritualidade coletiva e espero, apesar das minhas fraquezas, alcan-

çar a meta da glória de Deus». Quando a saúde começou a piorar, num encontro de famílias-focolar confidenciou: «voltei a fazer a minha escolha de Jesus Abandonado como Esposo e quero testemunhá-lo solenemente enquanto for capaz».

Larry Catipon

De Manila a Los Angeles

O Larry, focolarino casado de Los Angeles, chegou à Mariápolis celeste no dia 5 de outubro, com 84 anos de idade. Foi um dos primeiros a conhecer o Ideal nas Filipinas, dando dele um grande testemunho. Mudou-se para os Estados Unidos e continuou o seu caminho em direção à santidade.

Pude acompanhar o Larry no último período da sua doença, vivida como um verdadeiro «popo» de Chiara, que ofereceu tudo pela Assembleia. Pensamos que o Larry tenha sido recebido no Céu por Nossa Senhora a quem muito amava e unimo-nos às orações dos seus entes queridos.

O Larry nasceu nas Filipinas em 1930 e era o segundo de oito filhos. Licenciou-se em Direito em Manila, trabalhou no Registo Civil da cidade para pagar os estudos dos seus irmãos. Em 1957 casou-se com Bibiana, que também já está no Céu, e tiveram sete filhos maravilhosos, cinco rapazes e duas raparigas.

Seguiram-se anos agitados pelas atividades e pelo trabalho e, no diário daquela altura, o Larry escreveu: «Apesar de ter uma bela família, um bom trabalho e um rendimento razoável, dou-me conta de que me sinto vazio». Para preencher este vazio, o Larry começou a frequentar organizações católicas. Em junho de 1964, conheceu o Ideal através do P. Taschner (ver *Mariápolis* 3/2012). Tendo encontrado um sentido para a vida, o Larry procurou transmitir aos seus filhos o carisma da unidade. Além do seu encontro pessoal com o amor de Deus, contribuiu para a difusão desta nova vida em várias cidades das Filipinas, partilhando muitas experiências do Evangelho no ambiente de trabalho e em família. Nasceram assim



muitas vocações na Obra e na Igreja. No aspeto profissional, o Larry, vendo Jesus em cada próximo, colocou os seus conhecimentos de advocacia ao serviço dos pobres, que o procuravam quando precisavam de ajuda na área jurídica.

Foi esta fé no amor de Deus que o amparou quando, em 1981, teve de se mudar com toda a família para os Estados Unidos, para lhes poder assegurar uma vida mais tranquila, longe da hostilidade que se gerou no posto de trabalho, devido às suas tomadas de posição contra a corrupção. Teve, por isso, de abandonar a carreira profissional para se tornar um simples contabilista e, através do seu novo trabalho de comissário municipal, pôde servir concretamente muitíssimos cidadãos.

Toda a família se integrou de imediato na vida da Obra, na nova pátria. O Larry, tocado por um discurso de Chiara durante uma visita à Mariapolis Luminosa, em 1986, escreveu-lhe a sua história. E Chiara respondeu dando a ele e a toda a família uma Palavra de vida : «Amai-vos intensamente uns aos outros do fundo do coração» (1 Pd 1,22). Nesta atmosfera de amor, os filhos responderam ao chamamento de seguir Deus como focolarinos (Chiara Luce e Paul), focolarinos casados e voluntários e muitos dos netos vivem a vida gen.

Amante da sabedoria e da luz, o seu amor paterno e fraterno contribuiu de modo constante para manter a presença espiritual de Jesus no meio no focolar. Era forte e poder-se-ia comparar a um sólido carvalho. Um focolarino descreveu-o assim: «Quando penso em Larry, penso na sua natureza alegre. Era uma pessoa feliz, que espalhava a alegria ao seu redor».

O Larry recebeu de Chiara um nome novo, «Amato», e uma outra Palavra de vida pessoal, «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele»(Mc 10,21). O relacionamento com Chiara foi constante. Eis alguns pedacinhos de cartas que lhe dirigiu:

Em 1977, depois de ter ouvido os temas sobre a Eucaristia: «Fico sem palavras ao pensar que posso transformar-me em Deus, recebendo a Eucaristia dignamente». E em 1980: «As tuas

palavras são verdadeiramente sabedoria de Deus e demonstram o teu ardente desejo de nos levar a todos ao vértice da santidade. Nestes dias vou oferecer cada pequeno Jesus Abandonado pelo sucesso do Sínodo dos Bispos em Roma. Sei quanto é importante para todos nós, da Obra, trabalhar pela unidade da família».

Durante uma escola para focolarinos casados, em 1985, o Larry reconsagrou-se a Jesus Abandonado e declarou «Quero dar-me todo a Deus, em unidade com Chiara, com a Obra de Maria e com o meu focolar. Rezo a Deus para poder permanecer fiel a esta promessa para o resto da minha vida aqui sobre a Terra». E assim foi.

Os últimos acontecimentos pelos quais ofereceu foram: a nossa Assembleia geral, o Loppianolab, as novas gerações e o Sínodo dos Bispos sobre a Família.

Estamos agradecidos a Deus pela sua vida e pelo grande testemunho que nos deixou.

Antonietta Trapani

Na África para testemunhar que Deus está conosco

No dia 18 de outubro a Antonietta Trapani, focolarina da Mariápolis Piero (Quênia), partiu serenamente para o Céu. Sofrendo de uma doença incurável, em setembro foi transpostada de urgência do hospital de Nairobi para a Policlínica de Roma, onde esteve sempre acompanhada pela sua família e pelo focolar até ao fim. Tinha nascido em 1949, na Sicília, e conheceu o Ideal em 1969, juntamente com jovens da sua paróquia.

Tocada pela nova vida, sentiu logo a chamada a escolher Deus no focolar. Apesar de os pais lhe terem colocado obstáculos, temendo que no futuro ficasse sozinha, a Antonietta não desistiu. Escreveu a Chiara, que lhe mandou a Palavra de vida: «Não estou só, porque o Pai está comigo» (Jo 16,32). Ficou muito feliz e decidida a viver «para testemunhar aos outros que Deus está conosco». Terminada a formação em Loppiano, em 1976, foi para o focolar em Inglaterra e em 1982 uma nova mudança: da Europa para a África. Depois de ter

saudado pessoalmente Chiara, chegou a Fontem e daí, logo a seguir, foi com a Marilen Holzhauser para Nairobi. Quando a Marilen adoeceu gravemente e lhe disse como vivia esta doença, a Antonietta anotou no seu diário: «Marilen, aderindo a Jesus Abandonado a 100%, demonstrou-me como se vive só por Ele e também eu me lancei nesta corrida de amor». A Marilen teve de deixar a África por causa da saúde e Chiara mandou a Bruna Tomasi para Nairobi. Assim, a Antonietta viveu no focolar até 1998, agradecendo a Deus por ter estado com duas das primeiras companheiras de Chiara e de ter aprendido através delas a viver só por Jesus, pelo irmão, pela Obra. Em 1989 escreveu a Chiara: «Obrigada pelo tema sobre a Via Mariae... tenho a certeza que Nossa Senhora me dará sempre uma ajuda para chegar à santidade» e ainda «é bom fazer a vontade de Deus e "queimar" a minha, é uma ginástica contínua... Se quero ser "fogo" e levar contigo esta invasão de amor ao mundo devo ser só amor e não quero perder nenhum momento». Quando Chiara, em 1992 foi a Nairobi, a Antonietta esteve presente na inauguração da Cidadela Piero e na fundação da Escola de Inculcação. Em 1998 voltou a Itália, para Turim, para cuidar do pai já idoso e doente. Foram sete anos que aperfeiçoaram a sua escolha de Jesus, vividos ao serviço total do pai, que faleceu reconciliado com Deus. Em 2005, voltou à Mariápolis Piero e continuou a viver a sua experiência na área administrativa e de responsável de focolar até que, no passado mês de julho, se manifestaram, de repente, dificuldades na fala. Os exames médicos revelaram a presença de uma massa no cérebro. Logo que soube a notícia, a Antonietta disse o seu «sim» sem hesitar e a sua vida deu um salto de qualidade. Escreveu-me: «Agora, depois deste grande "presente" que Jesus me quis dar, sinto-me outra pessoa, sinto uma grande alegria, plenitude e muita paz, como uma prenda também de Chiara. [...] Sinto que Deus me ama imensamente, mais do que antes... quero dar a minha vida para que todos possamos chegar a viver a vida trinitária



entre nós. Agora entrego-te esta oferta para a dares a Maria pela sua Obra, especialmente pela Assembleia e pela nova configuração da Obra». Dizia ainda: «Muitas pessoas vêm visitar-me e partilho com elas as coisas novas que Jesus fez em mim. Vejo que o nosso focolar fez um enorme "salto" para Deus, assim como todas as outras focolarinas. A mesma coisa acontece com os focolarinos, sentimo-nos todos mais irmãos. A unidade cresceu, sinto que a vida circula num outro nível de amor».

Nestes últimos dias recebi lindíssimos testemunhos de muita gente que conheceu a Antonietta, muito agradecidos pela sua vida ideal e pela sua fidelidade ao Esposo.

Pe. António de Sousa Bento

És tu, Senhor, o meu único bem!

Na manhã do domingo, 24 de agosto, partiu para o paraíso o padre António de Sousa Bento, aos 88 anos. Nasceu na aldeia de Outeiro Pequeno, Assentis (Torres Novas). Ele mesmo contou a sua descoberta de Jesus, durante a juventude: *"Aos 16 anos conheci Jesus mais profundamente, só depois compreendi o Evangelho. Decidi seguir Jesus e só depois lhe perguntei como queria que o servisse. Fui-lhe sempre fiel. ... a santidade é o único objetivo da minha vida"*.

Foi ordenado sacerdote em 1958. Trabalhou em múltiplos campos, entre os quais foi diretor espiritual do Seminário e capelão hospitalar, em Santarém.

Conheceu a espiritualidade do Movimento dos Focolares em 1973, quando ouviu o anúncio da Mariápolis em Fátima. Ficou logo tocado pelo que experimentou e descobriu de vivência do Evangelho. Ao longo dos anos, empenhou-se em viver e comunicar a muitos outros o carisma da unidade. Ele próprio testemunhou: *"Desde a primeira hora que procuro pôr em prática este ideal, prestando a maior atenção a todos, evitando qualquer aceção de pessoas, numa grande disponibilidade para aco-*

lher e ouvir os que me procuram e os que vou encontrando no dia a dia. Uma outra ideia me norteou: é mais importante ser do que falar (...). É mais importante viver Deus do que falar de Deus, e viver Deus é ser amor, é fazer-se pequeno para a todos servir". A sua simplicidade, bondade, relação pessoal direta e afetuosa, aliada ao dom do conselho, que sabia oferecer com amor e respeito, granjeavam-lhe amizades e relacionamentos duradouros.

Manteve uma relação epistolar com Chiara Lubich, no que foi correspondido. Em 1977, Chiara indicava-lhe uma Palavra de Vida: *"Eis que eu renovo todas as coisas" (Ap 21,5)*. E acrescentou ao seu nome próprio o "de Jesus", sublinhando a sua entrega e pertença a Jesus, como um programa, que ele soube cumprir com grande zelo e fidelidade. Em 1999, numa nova carta, Chiara agradeceu *"as suas impressões e experiências"* sobre o congresso. Terminou, referindo-se a Maria, que *"Ela o recompense e o ajude a ser 'outra pequena Maria' no hospital onde desempenha, com tanto amor, a sua missão"*.



Falando do seu trabalho de capelão no hospital, ele disse *"a perfeição é um ideal nunca alcançado", mas "conforta-me a certeza de que posso recomeçar sempre em cada dia esta aventura e de que a misericórdia de Deus continua a 'fazer novas todas as coisas'"*.

Nos tempos mais recentes, já com muitas limitações de saúde, a sua oração preferida e mais frequente era *"és tu, Senhor, o meu único bem"*, que pediu para escreverem num papel, para dela se recordar e poder repetir.

Ao celebrar as suas exéquias, na Sé de Santarém, o bispo, D. Manuel Pelino, partindo do salmo 16, que contém esse versículo, traçou algumas características do percurso e do estilo de vida deste sacerdote. Para ele, *"Deus era a luz e tudo o resto era secundário"*. Daí o seu alicerce na palavra divina, que escutava e punha em prática. Destacou a sua *"paixão por Jesus e a paixão pelo povo"*, que o levava à proximidade das pessoas.

A procissão de adeus parecia mais uma ação de graças. Distribuídos pela escadaria, o bispo, padres, homens, mulheres e crianças, cantaram:

Levem-te os anjos ao Paraíso./À tua chegada recebam-te os mártires / e te conduzam à cidade Santa de Jerusalém”.

Um dos nossos sacerdotes afirmou que ele “a tantos... tantos céus abriu! E o Céu ficou ainda mais luminoso com esta estrela que nele se acendeu.”

Chiara escreveu um dia: “Cada um de nós deve escrever, com a própria vida, a história de um filho de Deus”. E um jovem aplica-a ao P. Bento: “A sua vida foi a resposta clara a este apelo de Chiara”.

António Oliveira



Maria Lucília Morgado de Oliveira

“Em Deus confio...”

Maria Lucília Oliveira, uma das primeiras voluntárias de Lisboa, partiu para o Céu a 22 de março de 2013, depois de uma doença prolongada. Tinha 85 anos. Era viúva e tinha 3 filhos, um dos quais é sacerdote Jesuíta e outra é uma focolarina casada.

Quando conheceu o Movimento dos Focolares, a sua adesão foi espontânea e radical. Era dotada de uma fé forte e inabalável. A sua vida caracterizou-se por uma profunda união com Deus, mostrando-se sempre grata pela graça do carisma da unidade. Quem a conheceu lembra-se da “rocha forte” que era o seu relacionamento com Deus, que se manifestava ainda mais nos momentos de dificuldade. O seu amor paciente sabia ouvir e dar a alegria e a paz a todos.

Tinha um imenso amor pela Eucaristia. Enquanto lhe foi possível, todos os dias participava na Missa, na certeza de que a Palavra e o alimento espiritual lhe davam força e coragem para viver cada momento presente do dia, na Vontade de Deus.

De uma generosidade e bondade sem limites - ninguém passava por ela em vão - amava a todos

sem distinguir categorias sociais ou idades. Era apoio e luz para muitos, sempre atenta às necessidades de cada um. Uma sua amiga escreveu: *Um dia, aproveitando uma visita ao filho que estava aqui perto, quis vir visitar o meu pai que estava doente e desde então nunca mais deixou de se interessar pelos meus pais.*

Uma das suas principais características era o acolhimento. De facto, a sua casa estava sempre aberta para receber quem precisava de ajuda.

Na mala levava sempre um saquinho para alguma pessoa que encontrasse: uma refeição completa ou um doce feito por ela.

A sua Palavra de Vida tinha a explicação de Chiara: “Se te abandonares totalmente em Deus, Ele te guiará passo a passo na Sua Via”. Um dia em que se vivia a Palavra-Passe “Interessar-se pelo momento presente”, a meio do dia ainda não a tinha conseguido actuar. Não se sentia bem, tinha dores e sentia a cabeça cansada. A certa altura parou e pensou: “Mas eu posso amar este Jesus Abandonado (na incapacidade...). É isto que Deus me pede neste momento.”

Muito gratos pelo seu testemunho de amor e de total doação a Deus, acreditamos que a Maria Lucília está na “Casa do Pai”, acompanhada por Maria a quem ela tanto amou e que, do Céu, vai continuar a atrair muitas graças para todos nós.

Maria Teresa Guedes

Os nossos parentes

Passaram para a Outra Vida: **Rozalia, a mãe de Ilona Mészáros**, focolarina na Hungria; **a mãe de Susanna Duarte e Lucy, mãe de Lucero Hurtado**, focolarinas na Mariápolis Lia (Argentina); **Maurizio, irmão de Luigina (Stella) Tomiola**, focolarina na Mariápolis Romana; **Maria, mãe de Celeste Bergamin**, focolarina no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo; **Balázs, pai de Erika Ivacson**, e **Vincenzo, pai de Giovanna Porrino**, focolarinas em Loppiano; **a mãe de Graça (Grazia) Barcelar Delavy**, focolarina em São Paulo; **a mãe de Maria Stela Freitas**, focolarina na Mariápolis Ginetta.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Novembro de 2014 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Vale Menriço • 2580-059 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 400 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Aprender com Chiara Luce Badano

No dia 15 de novembro, em Torres Novas, a comunidade local realizou uma festa comemorativa da vida de Chiara Luce Badano, aquela rapariga de Sassello que tem cativado tantas pessoas em todo o mundo, sendo um grande exemplo sobretudo para os adolescentes e jovens.

Estiveram cerca de 30 adolescentes e jovens, um sacerdote da paróquia, a mãe de 2 Gen3. Eram jovens em preparação para o crisma com a catequista, acólitos e colegas de escola, além dos Gen da cidade. O Pedro Santos e a Matilde Tavares, dois Gen2 que agora estudam em Lisboa, fizeram a condução do programa em palco.

O encontro começou com uma dança muito alegre realizada pelas Gen3, depois fez-se um jogo para que todos se conhecessem. O programa seguiu com canções, intercaladas por pequenos flashes em vídeo, onde se foi apresentando a vida de Chiara Luce e o seu caminho para a santidade, vivido sobretudo nos últimos anos da sua existência, quando surgiu o cancro ósseo. Vimos também um pequeno documentário da festa de beatificação, em Roma, e uma Gen contou a sua experiência de participação nesse evento e a forte impressão que moldou a sua vida: ser uma pessoa que ama a vida e a vive com intensidade, inspirada no Evangelho e no Ideal da Unidade aprendido do Movimento dos Focolares.

Fez-se uma dinâmica para 3 grupos, segundo a palavra *Life, Love e Light*, em que cada grupo apresentou algumas ideias de ação concreta para viver aquelas palavras: Ir a um lar de idosos, acolher melhor a família, cuidar melhor do ambiente, dar um pouco de nós ao próximo através de atos simples como um sorriso, ouvir o outro, etc. O porta-voz de cada grupo apresentou as



suas ideias no palco e depois passou-se a um compromisso simples mediante a entrega de uma fita para se colocar no pulso, pois, como dizia Chiara Luce: " voltei a descobrir o Evangelho com uma luz nova. (...) Não quero e não posso ficar analfabeta em relação a uma mensagem tão extraordinária."

No cenário do palco havia uma bateria vazia: à medida que decorria o programa, ela foi-se carregando. As impressões dos presentes apontavam para fazer mais atividades juntos, após esta tarde feliz e muito bem passada, em que aprenderam coisas novas de gente com esperança.

Para encerrar o evento, os Gen deslocaram-se para a Igreja de S. Pedro, onde solenizaram a missa vespertina, com uma introdução alusiva, canções e leituras. Estavam muitas pessoas da nossa comunidade local. Esta foi sem dúvida uma iniciativa a continuar!

A comunidade local de Torres Novas

